Marcelo Barros e Henrique Vieira

O monge e o pastor

Diálogos para um mundo melhor



Um encontro fraterno

Todo livro é um encontro entre quem o escreve e quem o lê. Este livro é a troca de cartas entre dois cristãos: um monge católico, Marcelo Barros, e um pastor evangélico, Henrique Vieira.

Estas cartas de amizade foram escritas e intercambiadas por e-mail durante a quarentena a que todos tivemos de nos submeter por causa da pandemia da covid-19. São cartas entre dois irmãos de fé, companheiros na caminhada das comunidades e movimentos sociais. Além de tudo, apesar da diferença de idade — Marcelo tem 75 anos e Henrique, 33 —, somos amigos que nos estimamos e encontramos no diálogo uma forma de, continuamente, aprender um com o outro.

Esta correspondência nasceu da ideia de nos propormos temas, um a cada mensagem, quase como numa espécie de questionário. Isso foi incorporado na edição para publicação em livro, mas preservamos o teor das mensagens, o tom informal e o caráter aberto, sem a pretensão de esgotar nenhum assunto nem de tratá-lo de forma sistemática ou acadêmica. A intenção é que o diálogo continue e possa se aprofundar sempre. Quem sabe você que está lendo também se sinta impelido ou impelida a prosseguir com esse diálogo em sua casa. Seja como for, lhe damos as boas-vindas nesta roda de conversa aquecida na irmandade que nos une.

Os assuntos giram em torno de três noções que se entrecruzam: ver, julgar (discernir) e agir. Partimos de nossas experiências antes e durante a pandemia, expressamos nossas percepções sobre a sociedade e o governo brasileiros nesta conjuntura tão difícil e, por fim,

compartilhamos nossa vivência da espiritualidade, as nossas perspectivas para o futuro e as esperanças que nos impulsionam.

Assim sendo, convidamos você, que começa a ler estas páginas, a se envolver conosco nesta incessante busca e abertura ao outro. Logo você perceberá que o pano de fundo dessa nossa conversa é como podemos viver nestes tempos tão insanos sem desanimar e como podemos sair dessa situação como pessoas melhores e mais humanas.

Saber que tanto a paz como a violência são elementos culturais, que a humanidade tanto cria como destrói, significa que está nas nossas mãos superar essa cultura da competição e do individualismo, e nos educarmos para formas de convivência mais amorosas e justas. Descobrir que o fato de sermos diferentes não nos opõe pode revelar, para cada um de nós, um bom princípio de autoaceitação e conquista de liberdade interior. Afinal, já no século III Cipriano, pastor da Igreja cristã em Cartago, dizia que a unidade abole a separação mas respeita as diferenças.

O diálogo é elemento intrínseco e essencial a todo caminho humano. Ele nos faz repensar nossa ideia de Deus e de espiritualidade, e nos fortalece na reinvenção de outro mundo possível. Por tudo isso, podemos verdadeiramente sustentar que ser solidário é o modo natural de se viver no mundo. Segundo o pastor anglicano John Donne, em imagem famosa que inspirou também o monge Thomas Merton: "Homem algum é uma ilha".¹

A solidariedade é a base mais viável para construirmos sociedades firmadas sobre a defesa inabalável e permanente dos direitos humanos. Somos felizes por viver em um mundo no qual este caminho nos é oferecido. Somos todos e todas chamados a nos deixar conduzir pelo Espírito. Testemunhamos, assim, o que Leonardo Boff afirmou: "O mundo está grávido do Espírito, mesmo quando o espírito da

iniquidade persevera na sua obra, hostil à vida e a tudo o que é sagrado e divino. Mas o Espírito é invencível".²

Isso nos abre a todas as culturas e tradições espirituais da humanidade. Reconhecemos nelas todas a presença e a atuação amorosa do Espírito Divino que, tal como o vento, "sopra onde quer, ouve-se a sua voz, mas não se sabe para onde vai nem de onde vem" (João 3,8).

Devemos, no entanto, reconhecer: a nós, cristãos, o Espírito Consolador sussurra um nome que nos leva ao caminho mais profundo do bem-viver: Jesus de Nazaré. Que riqueza! Nenhum mortal pode amordaçar a ventania. O mistério é a nossa paz, e os caminhos religiosos, se conseguem sê-lo, são apenas nossas parábolas de amor.

No século IV, escreveu Agostinho: "Apontem-me alguém que ame e ele sente o que estou dizendo. Deem-me alguém que deseje, que caminhe neste deserto, alguém que tenha sede e suspire pela fonte da vida. Mostre-me essa pessoa e ela saberá o que quero dizer".³

Abrimos com confiança para vocês a arca da aliança. Podem entrar no cotidiano das nossas vidas e ler o que, de modo bem pessoal, trocamos nestes dias.

Boa leitura e fiquemos juntos. Ninguém solta a mão de ninguém.

Marcelo Barros e Henrique Vieira



HENRIQUE VIEIRA
SEGUNDA-FEIRA, 04/05/2020
PARA: MARCELO BARROS

Marcelo, meu irmão,

Escrevo para saber como você está. Sabe, outro dia me peguei pensando sobre como eu vivia antes que a pandemia chegasse ao Brasil e começasse o isolamento social. Você já parou para pensar nisso?

Sempre fui muito acelerado, desde a adolescência. Lembro-me dos meus pais dizendo: "Calma, Henrique, não é possível abraçar o mundo". Nessa época, eu organizava o Ministério de Adolescentes da Igreja Batista na qual cresci, compartilhava o Evangelho em cultos nos lares, vigílias de oração, acampamentos de juventude e muitos outros espaços. Desde cedo, encontrei na Bíblia narrativas que me inspiravam a ver o mundo através da perspectiva do amor. Essa paixão crescia dentro de mim. Então dedicava-me aos aconselhamentos, ao coral, à escola bíblica dominical, participava de ciclos de debates sobre temas ligados à espiritualidade e à sociedade. Era carinhosamente chamado de "pastorzinho".

Sempre vi no Evangelho de Jesus um apelo à justiça social, à superação da desigualdade e de todas as formas de opressão e maltrato.

As páginas do Evangelho não me encantavam apenas, elas me engajavam. Coloquei-me em movimento e acho que nunca mais parei.

Eu me envolvi na pauta dos direitos humanos, no movimento estudantil universitário (tanto na Universidade Federal Fluminense, onde cursei ciências sociais, como no Seminário Teológico Batista, onde me preparei para ser pastor). Também me engajei na luta antimanicomial e na defesa da reforma psiquiátrica, após ter estudado — num projeto da escola — sobre a violência histórica dos manicômios. Entendi como o conceito de loucura pode ser uma operação política para definir "corpos matáveis", cuja vida valeria menos.

Em 2006, aos 26 anos, tornei-me vereador na minha cidade de origem, Niterói. Foi uma verdadeira loucura. Foram quatro anos intensos e repletos de lutas populares. Em 2016, fui um dos mais votados da cidade, mas não me reelegi por conta da diminuição de votos no meu partido (PSOL), num contexto de crescimento da narrativa conservadora e antiesquerda.

Bem, hora de parar um pouco? Que nada! Mudei-me para o Rio de Janeiro e comecei a me dedicar mais ainda a uma militância pastoral e... artística. É isso mesmo, me descobri como ator. Participei de filme, de peças, escrevi um livro, sempre combinando essas atividades com a agenda pastoral, militante e de professor. Nesse período, conheci Carol. Encontrei-a no lugar sagrado do teatro (além de dentista, ela é atriz), e a arte é um elo profundo de nossa paixão, da construção dos caminhos do nosso amor. Me apaixonei, casei e me tornei pai. Maria, minha filha, hoje tem dois anos e é o fruto mais visível desse encontro de arte e amor.

Minha agenda é corrida por força de vocação, de escolhas e de necessidades de sustento. Venho de uma família mais popular, mas hoje me insiro num contexto de classe média, tenho a possibilidade de me manter com algum grau de segurança e tranquilidade. Sei, contudo, que

a maioria dos brasileiros tem também uma agenda corrida (e muito mais que a minha), na luta constante pelo pão de cada dia, mas ainda não alcançou um patamar digno de sobrevivência financeira.

Esse é um super-resumo para que você tenha uma noção da minha caminhada. O que quero enfatizar, no entanto, é que tudo se deu atravessado por muita correria, pressa, vaivém para tudo quanto é lado. Não posso dizer que nunca parei ou não me diverti. Só não foi o suficiente, eu sei e sinto.

Lembro-me de que Jesus reservava momentos para ficar sozinho, afastar-se das multidões, dedicar-se à oração. Eu cultivo a oração como prática diária, mas me mantenho muito conectado a estímulos externos. Quando me dei conta do que estava acontecendo na China, na Europa, e de que o novo coronavírus se aproximava do Brasil, senti medo. Eu estava articulando uma organização nacional de cristãos e cristãs em defesa da democracia, tinha palestras e viagens marcadas até o fim do ano, e como uma avalanche meus compromissos foram sendo desmarcados, as viagens canceladas, até o dia do direcionamento formal do "fique em casa".

Na quarentena, tenho tentado descobrir a virtude que só os santos e as crianças possuem: viver o tempo presente. Para isso, só desacelerando a alma, aprendendo a namorar o silêncio, exercendo o olhar atento para dentro, valorizando as perguntas mais profundas e não se precipitando em respostas superficiais.

Quem mais me desafia nesse sentido é a minha filha. Brincar é uma arte do agora, sempre agora. Maria vive cada minuto como se não houvesse nada antes ou depois. Ela mergulha no que está fazendo e assim o faz com intensidade. Ela chora quando tem que chorar, mas não demora a voltar a sorrir. E como é bela a gargalhada dela, tão livre! Será que é por conta dessa espontaneidade brincante que Deus se fez criança em Jesus? Acho que é uma das razões.

Também tenho procurado valorizar o silêncio e o distanciamento. O silêncio pode melhorar as palavras, e a saudade amadurece os encontros. O teólogo católico Henri Nowen diz que, assim como as palavras perdem a força quando não nascem do silêncio, a abertura perde seu significado quando não existe a capacidade de se fechar. "O mundo está repleto de papos vazios, confissões fáceis, palavras ocas, comprimentos sem sentido, louvores desbotados e confidências tediosas", escreveu. Acho que uma boa forma de viver a verdadeira comunhão é tendo um encontro consigo por meio de uma saudável solidão. Khalil Gibran afirma que "quando vos separais de vosso amigo, não vos aflijais; pois o que amais nele pode evidenciar-se na sua ausência, como a montanha, para o alpinista, é mais evidente da planície".²

Estou tentando desacelerar: às vezes consigo, às vezes não. Tenho buscado esse mergulho na solidão e no reino infantil do imediato da minha filha. Mas isso requer tempo e disciplina, não é mágica. Aos poucos vou respirando, olhando para fora, construindo a esperança de um mundo justo, solidário e fraterno. Contudo, minha maior potência precisa da minha melhor verdade, e minha melhor verdade precisa da desaceleração para que meu corpo encontre minha alma e minha alma, o meu coração.

Fraterno abraço, Henrique



MARCELO BARROS TERÇA-FEIRA, 05/05/2020 PARA: HENRIQUE VIEIRA

Henrique, querido irmão e amigo,

Obrigado por sua partilha tão amiga e aberta. Fico feliz de, assim, poder conhecer melhor a você e aos seus.

A sensação que tenho é a de que estamos na quarentena há séculos. Claro que a quarentena social e política dos movimentos sociais e dos grupos que buscam a transformação do mundo é muito mais longa do que esta que o coronavírus nos impõe. Também a quarentena que pessoas como eu e você vivemos no mundo das instituições eclesiásticas não se conta em dias ou meses. Mas, falando propriamente desta quarentena, estou, com minha irmã Penha, isolado em um apartamento nas Graças, bairro central do Recife. Minha última saída foi para assessorar um encontro de espiritualidade libertadora, com um grupo em Campina Grande, na Paraíba, no segundo final de semana de março.

Em apenas dois meses, tudo mudou. O mundo parou. Na Bíblia, o relato épico do livro de Josué conta que este mandou o sol parar. E, em Gabaon, o sol se deteve para que o dia se prolongasse e assim os hebreus pudessem vencer os reis amorreus, coligados para tomar a terra ocupada pelos hebreus (Josué 10,12-13). Agora, é a humanidade mais

consciente e cuidadosa com a vida que faz o tempo parar, a fim de vencermos um vírus destruidor.

Eu e você somos irmãos de gerações diferentes. Estou com 75 anos e, desde os dezoito, sou monge beneditino. Para muita gente, é como se eu dissesse que sou de alguma espécie biológica em extinção. No entanto, essa é uma vocação que se encontra em religiões orientais como o budismo. Quem no Brasil não conhece a querida monja Cohen ou, em Brasília, o monge Sato? Há monges na Igreja católico-romana, nas Igrejas ortodoxas, na Igreja anglicana e na Igreja luterana.

Desde tempos antigos, mestres espirituais de diversas tradições ensinam que, para a pessoa se aprofundar no caminho espiritual, precisa unificar-se a si mesma. Justamente, os termos "monge" e "monja" vêm do grego monos, ou seja, um ou uno. Muitos, como eu, buscam alcançar a unidade interior por meio da construção da unidade com os outros, certos de que esse processo é graça divina e se realiza no seguimento de Jesus.

Desde jovem, tenho me dedicado ao trabalho pela unidade dos cristãos e à luta pacífica pela paz, a justiça e a libertação dos oprimidos e oprimidas. Embora tenha nascido e vivido sempre em ambiente urbano, desde 1977 acompanho e assessoro movimentos do campo, especialmente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), desde o seu surgimento, em 1984.

A primeira vez que ouvi falar do coronavírus foi por telefone. Era a última semana de janeiro. Junto com tantos outros, eu participava do Fórum Social das Resistências, em Porto Alegre. Posta de pé por mais de 120 redes, movimentos e organizações sociais, a segunda edição desse fórum tinha como objetivo mobilizar e articular as resistências sociais. Reuniu mais de 3500 pessoas de 23 estados e até de países vizinhos. Uma amiga que mora em Goiânia me telefonou, preocupadíssima com um vírus que, naquele momento, já tinha

provocado muitas mortes na China. Eu já tinha ouvido falar de epidemias causadas por outros vírus, como Sars, Mers e ebola, mas nada sobre esse corona. Para mim, então, seria mais um vírus, propagado com maior velocidade pela crueldade de um mundo marcado pela desigualdade social e pela destruição da natureza, poluição das águas e do ar.

Desde aquele instante, me coloquei no lugar de quem tem parentes em situação de risco do outro lado do mundo. No entanto, por mais que me sentisse em comunhão com eles, estava do lado de cá. Depois, o vírus assolou a Europa, especialmente a Itália, onde tenho muitos amigos e amigas. Eu, inclusive, planejava viajar à Itália no dia 1º de maio. E assim a ameaça se tornou muito mais próxima. Sem aviso prévio, notícias de gente contaminada e pessoas mortas começaram a aparecer em várias das nossas cidades. Gente de idade, mas também jovens. De um dia para o outro, a ordem passou a ser "fique em casa". Pelo direito de viver e, principalmente, pelo dever de proteger a vida dos outros.

Há décadas, me considero um peregrino. Permanentemente percorro o Brasil, alguns países da América Latina e, uma ou duas vezes ao ano, outros continentes. Assim como ocorreu com você, no começo de março todos os meus compromissos de encontros, cursos e palestras foram cancelados ou indefinidamente adiados. Minha primeira sensação foi a de ter sido roubado. Sentia-me impotente, como se de repente tivesse sido preso e não houvesse o que fazer. Só pouco a pouco me senti parte do grupo que diz: "Vamos tirar disso uma lição e tentar sair dessa mais unidos e mais renovados". Para falar a verdade, dizer isso para mim mesmo foi mais difícil do que dizer aos outros. No fundo, sou contra o modo como o mundo tem se organizado, mas me sinto como alguém que fuma e sabe que deve deixar de fumar. Quero isso, mas será que consigo?

Vem-me à mente uma canção que, há décadas, mexe comigo. Quem não conhece "Aquarela", de Vinicius e Toquinho?

Numa folha qualquer Eu desenho um sol amarelo

Aí mesmo, em um apartamento fechado, a criança que está em nós pode imaginar "uma linda gaivota a voar no céu, Havaí, Pequim ou Istambul". Na imaginação, podemos pintar um barco à vela navegando, "é tanto céu e mar"... "De uma América a outra consigo passar num segundo...", "e num círculo eu faço o mundo...", e ali logo em frente, o futuro está... E sempre lamentei que a canção termina com uma nota de pessimismo. Ou será realismo?

Nessa estrada não nos cabe
Conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe
Bem ao certo onde vai dar
Vamos todos
Numa linda passarela
De uma aquarela que um dia enfim
Descolorirá

E a canção repete: "descolorirá, descolorirá"...

Penso que nossa tarefa agora é fazer com que a criança que brinca dentro de nós possa fazer sua aquarela. Até várias. E que essas aquarelas sejam na linha do que os índios chamam de bem-viver e bem-viver coletivo. Assim, poderemos ligar nossos sonhos com as lutas da humanidade por um novo mundo possível. E a aquarela que sonhamos acordados nunca descolorirá...

Você tem se tornado meu irmão e companheiro na teimosia de sonhar.

Deus o abençoe. Abraço do irmão Marcelo



MARCELO BARROS

QUARTA-FEIRA, 06/05/2020

PARA: HENRIQUE VIEIRA

Henrique, querido irmão,

Como lhe disse, moro com Penha, minha irmã. Somos duas pessoas já de idade e habituados a horários mais ou menos regulares. Como vivi muitos anos em mosteiros, tenho um relógio dentro de mim. Sempre recitei o salmo: "Inútil vos será levantar de madrugada, repousar tarde, comer o pão de dores, pois assim dá Ele [Deus] aos seus amados o sono" (Salmos, 127,2). Apesar disso, os monges nunca acharam inútil acordar de madrugada. Em quarentena ou não, costumo acordar sempre ao nascer do sol, que, no Recife e em todo litoral do Nordeste, é muito cedo, às cinco horas.

Antes, minha vida era meio nômade e, portanto, apesar do horário de casa ser regular, compromissos externos e viagens ditavam ritmo próprio. Agora, diariamente, depois da higiene da manhã e de comer alguma coisa, costumo fazer uma breve oração com minha irmã. Louvamos a Deus pelo dia que nasce e oferecemos a vida, os sofrimentos das pessoas, os encontros e atividades que vou ter (por internet) e as esperanças para o novo dia que começa.

Quase sempre, quando o sol da manhã invade nossa pequena varanda, fico em meio às plantas de que minha irmã cuida. Ela chega e começa a regá-las. Todos os dias, comenta coisas como: "Veja esta orquídea com esta flor avioletada que começa a se abrir". "E esse pezinho de arruda que você ganhou daquela amiga em Salvador está contente de estar aqui com a gente. Está lhe dando bom-dia." Eu fico ali de vinte a trinta minutos e depois corro para o computador. São dois artigos por semana, um em português e outro em espanhol, para um jornal de Caracas e outro de San Juan de Puerto Rico, além do site da Amerindia, em Montevidéu. Todo domingo escrevo também sobre um trecho do Evangelho e devo ainda preparar o roteiro de um programa para o canal Paz e Bem, da pós-TV 247. E por aí vai.

Cada noite, se não tenho nenhum programa de entrevista ou live, consigo ver um filme. Também gosto de reservar algum momento para me comunicar com amigos e amigas de quem sou mais próximo (sempre por internet, é claro). Além disso, faço questão de acompanhar com oração e diálogo as pessoas que, por algum motivo, precisam de apoio espiritual. E nunca durmo sem mais ou menos uma hora de leitura. Leio sempre um livro de formação mais social — estou lendo o primeiro volume de Escravidão, do Laurentino Gomes e, meu Deus, que horror a história da humanidade e das igrejas! Gosto também de ler algo mais leve, em especial romances policiais. No plano espiritual, tenho me dedicado à leitura sobre tradições xamânicas. Elas me interessam muito. Não para eu viver essa espiritualidade, mas porque, como um cristão bem fundamentado na fé de Jesus, me pergunto sempre o que Deus quer me dizer e revelar através da fé do outro. Depois de ler ao menos algumas páginas de dois desses livros, caio no sono.

A respeito de tudo isso, devo confessar algo estranho. Estamos, eu e você, em casa, sem poder sair por causa dos riscos de contágio. No começo do isolamento social, pensei que teria muito mais tempo livre.

Como gosto de cinema, garanti acesso a algumas das plataformas virtuais de filmes de arte para revisitar clássicos que me deliciaram a juventude e também obras importantes dos dias atuais que ainda não tinha podido ver. (Gosto tanto de cinema que não desconsidero nem alguns dos filmes descartáveis que inundam o YouTube.)

Há poucos dias, inclusive, eu e alguns amigos mais jovens montamos pela internet um cineclube com o plano de ver um filme por semana e depois comentarmos por WhatsApp. Logo fizemos uma lista que inclui Dersu Uzala, do mestre Akira Kurosawa; Queimada!, do italiano Gillo Pontecorvo; A festa de Babette, de Gabriel Axel; e outros. Imagine meu espanto ao ver comentários lindos do pessoal novo que nunca tinha tido acesso a essas obras-primas, todas de quando eles nem eram nascidos. Mas o fato é que eu quase não consigo cumprir o compromisso de ver um por semana. Há dias em que saio do artigo semanal (que devo mandar sempre com alguns dias de antecedência) e já alguém me chama no Skype para organizar algum encontro ou entrevista. Sou "prétécnico", mas por obra e graça de vários anjos da guarda (Anderson, Darlan, Rejane, Jon e outros), quase todos jovens que têm idade para serem meus filhos ou até netos, tenho Facebook, Telegram e, mais recentemente, Instagram. No entanto, pago por isso um preço caro. Quase todo dia recebo mensagens do tipo "Você poderia participar de uma live hoje às oito?". E pensar que há pouco mais de um mês eu nem sabia o que era uma live...

Esta também deve estar sendo sua experiência, não?

O que há de estranho nisso é a sensação de que a mudança iniciada nos anos 1990 pela internet agora se completou. Claro que todo mundo já falava de revolução 4.0 e, mesmo em torno de nós, a informática e os robôs já começavam a substituir as pessoas em vários tipos de trabalho. Mas agora, com a quarentena, tudo se tornou virtual. Amigos dão e

recebem aulas pela internet, fazem reuniões de trabalho, e padres e pastores realizam cultos virtuais.

De um lado, só podemos agradecer por tais possibilidades que se abrem. Imagine se tivéssemos de viver esta situação de isolamento social há apenas trinta anos, quando pouca gente tinha telefone celular e a internet nem estava começando?

Para a pós-quarentena, precisaremos repensar seriamente o modelo de sociedade que queremos. E isso implicará priorizar a vida no planeta, mudar radicalmente para fontes de energias sustentáveis, rever a relação entre cidade e campo e tantas outras questões. Cursos virtuais já existem aos milhares, mas como pensar a educação sem o diálogo pessoal e o vínculo comunitário? E nossas igrejas aceitarão viver em tempos de diáspora da fé, de dispersão? Se sim, terão a missão de se constituir não como cristandade (civilização cristã e poder paralelo ao poder político e militar), e sim como pequenos cenáculos de resistência a esse modelo de mundo que a pandemia revela estar corroído por dentro. Eu e você estamos nessa.

O querido mestre dom Hélder Câmara, que conheci de perto e com quem trabalhei como secretário para ecumenismo e relações com as outras religiões, sempre me deu a impressão de saber conjugar bem uma vida de muitos compromissos sociais com a disciplina de certa solidão interior. Todos os dias ele acordava de madrugada — não porque não tivesse sono — porque queria, em oração diante de Deus, rever o dia que passara e se preparar espiritualmente para o que começava. Sobre isso, ele escreveu:

O que seria de mim sem a Vigília? [...] A experiência ensina que, apesar das melhores resoluções e dos mais decisivos apelos de unidade, podemos acabar o dia esquartejados, de vez que nossos pedaços foram ficando aqui e ali, enquanto as horas passavam. Sem perder a serenidade e a paz [...] tentemos salvar a unidade antes de dormir. Se ela não se recompõe, tenhamos a

confiança de dormir tranquilos e aproveitemos a vigília na madrugada e a celebração (Missa) para o reencontro.³

Com essas perguntas e a partilha do meu dia a dia nesta quarentena, me despeço de você, ansioso por ler o que você vai me contar que anda fazendo.

Até a próxima. Abraço do seu irmão Marcelo



HENRIQUE VIEIRA

QUARTA-FEIRA, 06/05/2020

PARA: MARCELO BARROS

Marcelo, meu irmão,

Em primeiro lugar, fiquei impressionado com a informação de que você conheceu e caminhou ao lado de dom Hélder Câmara. Por favor, me fale mais dele!

Minha comunidade de fé, a Igreja Batista do Caminho, tem apenas onze anos de existência. Antes de seu início, o grupo de implantação (formado majoritariamente por jovens e eu, como seminarista, me formando em teologia e me tornando pastor) fez vários encontros para estudos, reflexões e orações. O objetivo era amadurecer que tipo de igreja queríamos ser e entender o que significa, de fato, ser uma igreja de Jesus no mundo.

Aquele grupo partilhava de uma crise com a institucionalidade religiosa e seu distanciamento dos dramas do povo. Nossa igreja de origem havia me dado, na condição de seminarista e futuro pastor, a responsabilidade de organizar uma congregação que viria a se tornar autônoma. Assim é, geralmente, o processo de formação de novas igrejas dentro da tradição batista: uma igreja mãe organiza uma

congregação que, depois de um tempo e de sua própria estruturação, se torna uma nova igreja.

Foi um processo curioso, marcado por tensões em função das perspectivas teológicas que nosso grupo estava desenvolvendo. Eu era o seminarista responsável pela formação daquela nova comunidade de fé e, junto com meus amigos e minhas amigas, buscava referências teológicas e pastorais para nossa caminhada. No fundo, reconheço, estávamos buscando salvar a nossa própria fé. Nossa igreja de origem tinha um contorno mais conservador e nossa espiritualidade se movia muito por questionamentos. Em nossos corações havia mais perguntas do que respostas, incertezas do que certezas. Infelizmente, o ambiente de onde vínhamos não era favorável às reinvenções da fé. A perspectiva conservadora só aceita repetição, jamais mudanças, e isso subtrai o potencial criativo e sempre aberto da espiritualidade. Estávamos atravessados pelas injustiças do mundo, queríamos envolvimento com a causa social e tínhamos desejo de diálogos inter-religiosos.

Foi assim que estudamos a vida de dom Hélder Câmara. Assistimos ao documentário O santo rebelde, que fala da história dele. Dom Hélder simboliza para mim (e para nós) o Evangelho simples e libertador de Jesus, comprometido radicalmente com os pobres. Recentemente eu estive em Recife e pude visitar o local onde dom Hélder (como bispo) viveu grande parte da vida e veio a falecer. Na verdade, morreu para ressuscitar e cumprir o destino de definitivamente brilhar como o sol e ver, face a face, o Jesus a quem ele tanto amou e por quem dedicou a vida.

Olhei para cada canto daquela casa tentando imaginar dom Hélder ali, em seu cotidiano, escrevendo cartas, fazendo suas refeições, desfrutando de seus momentos de oração. Como queria dar um abraço nele! Quando eu chegar ao céu — vilarejo da utopia, eucaristia universal,

reino da brincadeira sem fim... —, ele será uma das primeiras pessoas a quem vou procurar! Pensar em dom Hélder acalma meu coração.

Vivemos num tempo de hegemonia de um cristianismo bélico, intolerante, fundamentalista, antidemocrático e sem sensibilidade social. (Em algum momento a hegemonia não foi essa?) Um tipo de cristianismo sem Cristo e que provavelmente mataria Jesus em nome de Jesus. Sei que existem muitas experiências cristãs que escapam a essa lógica, e que não se pode generalizar. Nossa tarefa, inclusive, é dar força e visibilidade para essas experiências cristãs populares e progressistas. Porque são muitas as vivências do Evangelho baseadas no compromisso radical com a dignidade humana. Contudo, é preciso reconhecer esse referencial hegemônico nebuloso e triste, sem graça e sem compaixão — sem Cristo, enfim. Por isso dom Hélder é referência, para mim e para minha igreja, de um cristianismo com jeito de Cristo. Que alegria você tê-lo conhecido, meu irmão! Dá para perceber na sua vida os mesmos traços e sinais, e fico grato a Deus por isso.

Como disse na carta anterior, estou buscando desacelerar durante a quarentena, mas no primeiro mês não consegui. Eu acordo por volta de sete horas da manhã. Carol e Maria dormem até umas nove. Eu arrumo e varro a casa, lavo alguma louça que tenha sobrado do dia anterior e faço café. Tomo um banho, tenho meu momento de oração, faço alguma leitura e ainda vejo um pouco de jornal, na maioria das vezes.

Estou lendo três livros, intercalando-os. Dois são as biografias de Martin Luther King e Malcolm X. Vidas fascinantes. Me sinto muito atraído por essas histórias. Homens negros que a partir da fé lutaram firmemente contra o racismo, Malcolm na tradição islâmica e King na tradição cristã. Ambos com grande força oratória, poder e energia. Fizeram das palavras verdadeiras ferramentas de transformação da sociedade e de mobilização de mentes e corações. E mais: fizeram de suas atitudes expressões coerentes de suas palavras. Foram homens

cujas palavras se encarnavam na vida. Também foram vidas marcadas pela coragem e pela profecia. Entendo que o profeta é aquele que tem a capacidade de sentir as dores e as esperanças do coração de Deus e traduzir esse drama para o mundo. Trata-se da capacidade de denunciar as injustiças e anunciar um futuro radicalmente diferente. É um exercício permanente de denúncia e de anúncio.

Eu sou um pastor negro, portanto os elementos da fé e da identidade racial me atravessam todo o tempo. A partir da minha fé em Jesus, busco afirmar a luta contra o racismo estrutural, uma ferida aberta e que ainda sangra muito em nossa sociedade. Procuro me desvencilhar das lentes eurocêntricas de leitura da Bíblia, resgatando suas histórias negras e a própria negritude de Jesus. Enfim, Martin e Malcolm mexem comigo de um jeito espiritual, epidérmico e político.

Também estou lendo Crescer: Os três movimentos da vida espiritual, do teólogo católico Henry Nowen. Esse livro me convida a olhar para dentro (lugar do qual muitas vezes fujo), para acolher minha solidão e mergulhar no oceano que me habita. Ele fala sobre como precisamos acolher nossa solidão essencial para desfrutarmos de uma comunhão mais madura.

Na parte da manhã geralmente fico mais tempo com Maria. Subimos para o terraço e pegamos um pouquinho de sol, conversamos com as plantas, jogamos bola e corremos de um lado para o outro. Também brincamos de pique esconde, pique-pega e de papagaio. Sim, papagaio. Não faço a menor ideia de onde Maria tirou isso, mas ela do nada diz "Sou um papagaio" e sai correndo pela casa. Daí eu corro atrás dela dizendo "Volta aqui, papagaio!", e assim vai uma meia hora de correria. Bendita imaginação infantil!

Na parte da tarde procuro me dedicar ao processo de escrita de meu novo livro. Estou escrevendo sobre Jesus: livre e do povo. O livro ainda não tem título definido, mas a temática é essa. Discorro sobre o caráter espontâneo e criativo de Jesus, que se desvencilhou de regras prefixadas para viver sob a soberania ética do amor. Jesus é insuportável para qualquer fundamentalismo, por sua liberdade criativa e disponibilidade para Deus. Como diz Leonardo Boff, de tão humano só podia ser divino! Também nesse livro enfatizo o corpo oprimido de Jesus. Jesus é o Deus dos oprimidos como sinal de justiça e equidade. Jesus nos ensinou a amar o próximo, sempre e sem condições. Contudo, fica evidente sua prioridade: o chão dos pobres da Terra. Jesus prova a universalidade de seu amor a partir do seu compromisso com os oprimidos.

Na parte da tarde dedico tempo para ações políticas vinculadas a uma assessoria parlamentar na qual trabalho. São várias demandas que cumpro de casa mesmo, por internet e telefone. Assim faço todos os dias, por várias horas.

À noite volto a ficar com Maria. Dou banho, dou comida e assistimos a alguns desenhos. Brincamos juntos, ela, Carol e eu, até que por volta de umas nove horas Maria começa a dar sinais de que vai dormir. Mas aqui é um capítulo à parte. Mesmo caindo de sono, ela diz: "Não quero mimir, quero brincar". Então lemos livros com ela, e não raramente ela pede para repetir o mesmo livro umas duzentas mil vezes. Também é comum que eu a pegue no colo e comece a cantar e a dançar. Ela vai me acompanhando nas canções e pegando no sono. Muitas vezes acho que ela está dormindo quando, do nada, ela começa a falar novamente como se estivéssemos no meio de uma conversa. Já aconteceu de sair desse estado de quase sono, virar para mim e dizer "Papagaio!". Pois é, é uma aventura a cada noite... Mas em algum momento ela dorme, descansa e se prepara para mais um dia.

Também me dedico a preparar os sermões que prego nos cultos dominicais da minha igreja, que acontecem online às dezessete horas.

São algumas horas por semana estudando a Bíblia para preparar as reflexões para minha comunidade de fé.

Mas essa organização que apresento aqui tão certinha é constantemente chacoalhada por questões de ordem prática e objetiva e/ou existenciais e subjetivas. Nada é tão exato e simples. A quarentena é um desafio e sou fera em me desorganizar. Primeiro porque acabei me envolvendo numa quantidade impressionante de lives, o famoso "ao vivo" no Instagram. Acho que não soube administrar muito isso. Teve momentos em que cheguei a fazer três lives em um mesmo dia, e sobre temas diferentes. Entendi que era uma ferramenta importante para incidir na sociedade, provocar reflexões, compartilhar consolo e esperança. E, de fato, vivi momentos preciosos e diálogos muito enriquecedores. Logo comecei a receber retorno de muita gente falando como era importante o que eu fazia, como famílias me acompanhavam, amigos compartilhavam. Então aumentaram os convites e eu fui aceitando todos, sem fazer o cálculo do meu cansaço. Em determinado momento me senti esgotado, seco por dentro.

Além do livro e das lives, ainda desenvolvi um podcast chamado "Fraterno abraço", com reflexões semanais sobre espiritualidade e sociedade. Aumentaram os pedidos de entrevistas e produção de artigos. Enfim, minha organização diária passou a ser atravessada por essas tantas demandas e os dias foram ficando muito corridos. Agora estou conseguindo administrar melhor a agenda, dimensionar com mais sabedoria o tempo e dar uma desacelerada pedagógica. Bem, esta é a dimensão prática.

A outra questão é mais existencial, conforme mencionei. É que a tristeza e a ansiedade também são companhias presentes. Em vários momentos me flagro com medo de contrair o vírus, de me afogar no ar (como dizem) e morrer. Quando tinha dezesseis anos, tive uma neurite óptica bilateral e, de maneira repentina, perdi parte significativa da

visão. Foi tudo muito rápido e difícil. Eu recuperei parcialmente a capacidade de enxergar, embora tenha ainda uma sequela. O fato é que desde então desenvolvi crises de ansiedade quanto ao meu corpo, imaginando que a qualquer momento ele pode falhar novamente. Olhando mais profundamente, essa é uma dimensão própria da vida, chamada desamparo. Como diz aquela canção: "Tem dias que eu fico/pensando na vida/ E sinceramente/ não vejo saída/ Como é por exemplo/ que dá pra entender/ A gente mal nasce/ Começa a morrer".4

Esta é a condição essencial do ser humano, somos por definição protagonistas e coadjuvantes. Isto é, podemos muito e quase nada ao mesmo tempo. Nascer é começar a morrer, e cada dia que passa é também um dia a menos. Mas a mesma música, em outra parte, diz: "De nada adianta/ Ficar-se de fora/ A hora do sim/ É um descuido do não/ Sei lá, sei lá/ Só sei que é preciso paixão/ Sei lá, sei lá, a vida tem sempre razão".

Jesus ensinava que "basta a cada dia o seu mal" (Mateus, 6,34), porque não temos controle sobre o dia de amanhã. A vida tem uma dinâmica própria de partidas e chegadas, de fins e recomeços, tal qual o "descolorirá" de "Aquarela" que você citou. A vida é um fluxo constante, e ela nos convida a viver.

Mas voltando à letra de "Sei lá", a parte que mais me arrebata é "Só sei que é preciso paixão". É aqui que finco os meus pés: na paixão! Ela é o meu trunfo para superar a ansiedade e sorrir. Se a vida tem essa margem necessária — e intrínseca — de desamparo, então o melhor a fazer é impregná-la de paixão, de vontade criadora, de intensidade amorosa.

Mas sim, a ansiedade, fruto do meu trauma, tem me tomado muitas vezes nesta quarentena. Tem dias que meço minha temperatura várias vezes e se tenho uma dor de cabeça ou tosse, me desespero. Além disso,

há o constante medo de perder as pessoas que amo, e o sofrimento diante da perda de tantas outras vidas.

Também fico chocado com o modo como o governo federal tem tratado a questão, e este é outro tema sobre o qual tenho refletido. Vejo uma política de gestão e promoção da morte, com fortes características autoritárias e fascistas. A frágil democracia brasileira está sob ataque frontal. E saber que parte da população brasileira vem reproduzindo uma percepção tão violenta me entristece. Contudo, não adianta paralisar, é preciso construir o futuro com o verbo "esperançar", aquele de fazer a esperança acontecer. Desacelerando, mas seguindo — assim vou vivendo.

Depois que a Maria dorme, eu e Carol conversamos com mais calma e atenção, vemos filmes ou séries, escrevemos ou ensaiamos cenas (ela é atriz e eu sou ator). Por volta de uma hora da manhã, às vezes duas (acredite!), nós vamos dormir. É isso, irmão: tem brincadeira com filha, leitura, lives, lágrimas, ansiedade, livros, escrita e, aos poucos, a busca mais disciplinada pelo silêncio. Será que consigo? Porque tem vezes, nessas horas de escuta interna, que sou tomado por um profundo sentimento de solidão. E quero crer que exista algum aprendizado nessa aflição.

Sobre suas perguntas, compartilho as seguintes percepções. Tenho muita desconfiança de uma educação exclusiva ou majoritariamente virtual. Entendo a praticidade dessa opção e que, em alguns casos, pode ser útil. Contudo, acredito no contato, no encontro, na troca presencial como a força de uma educação horizontal, de construção de conhecimento e emancipadora. A virtualidade em certo ponto me irrita. Já dei algumas palestras nesta quarentena olhando para a câmera do computador e é muito estranho. Sinto falta de ver as pessoas, perceber suas reações, interagir com elas mais organicamente.

Sobre a igreja, entendo que precisa estar inserida na sociedade numa postura de acolhimento, hospitalidade e serviço. Além disso, de posição firme ao lado dos pobres, oprimidos e alvos de violência. Classe, gênero e raça nos colocam questões que exigem posicionamento. Trata-se de uma atitude alicerçada nos valores do Evangelho de Jesus, para a superação das opressões e consequente produção de uma verdadeira igualdade.

Fraterno abraço, Henrique



MARCELO BARROS

QUINTA-FEIRA, 07/05/2020

PARA: HENRIQUE VIEIRA

Henrique, querido irmão,

Quem já não passou pela experiência da solidão? Mesmo cercado por pessoas, podemos, de vez em quando, nos sentir sozinhos. Mesmo quem vive o casamento mais harmonioso e feliz, vez ou outra carrega no mais íntimo do seu ser alguma cota de solidão. Perguntar por solidão para alguém que, certo ou errado, optou pelo celibato é falar em corda em casa de enforcado.

Desde que me descobri gente, fui construindo vida afora grandes amizades. Até hoje, tenho amigos e amigas que vieram da infância e me acompanham bem de perto, assim como eu a eles e elas. Não se trata só de agradável convívio social. No decorrer do tempo, construímos juntos uma aliança fraterna que inclui partilha e comunhão solidária, profunda e comprometida. Acho que devo muito de quem hoje sou a essas amizades que me sustentam nas lutas da vida. Aos dezoito anos, entrei em um mosteiro para ser monge encantado com a perspectiva de viver em e para a comunidade. De alguma forma, a ideia era reviver o que o livro dos Atos dos Apóstolos afirma sobre a primeira comunidade cristã: "Os irmãos viviam juntos e tinham tudo em comum" (Atos 2,44).

Desde o começo, fui educado a não chamar de meu nada do que possuía. Tudo era "nosso", mesmo os objetos de uso pessoal, como caneta, papel, livros, roupas e sandálias. No entanto, posso garantir: mais difícil do que pôr em comum tudo o que eu tinha foi aprender a pensar todo o meu ser — e a vida mais íntima — em dimensão comunitária. É verdade que o salmo diz: "Oh! Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união" (Salmos 133,1). Experimentei isso na pele durante os anos em que vivi em Olinda, em um mosteiro tradicional. Depois, participei por três anos de uma experiência de vida comunitária entre católicos e evangélicos morando e orando juntos na fraternidade de Taizé, ainda em Olinda. Por trinta anos, participei de uma comunidade de monges em um bairro periférico da cidade de Goiás, comprometidos com a caminhada dos lavradores sem-terra. Nos últimos dez anos, vivo um tipo de comunidade diferente: alguns anos com um casal amigo-irmão e depois com minha irmã de sangue. A quarentena me isolou, junto com ela, neste apartamento.

Há anos compreendo a diferença entre solidão e isolamento. A solidão é existencial. Isolamento é postura pessoal, é opção. A solidão eu vivo. O isolamento eu crio. A solidão é inevitável e todos nós precisamos assumi-la como parte da vida e do ser. Isolamento, não. É comportamento moral e, em si mesmo, considero-o negativo.

Na quarentena, somos forçados a ficar em casa e evitar a convivência com os de fora, como precaução e cuidado conosco mesmos e com os outros. No entanto, podemos viver isso de diversos modos. Atribui-se a Leonardo da Vinci a seguinte afirmação: "Para estar junto não é preciso estar perto, e sim estar do lado de dentro". Tenho descoberto como isso é verdade. É claro que, quase diariamente, acordo de manhã desejando poder sair de casa, visitar as pessoas e ser visitado, retomar meus trabalhos de acompanhamento a grupos e estar junto com os familiares e as pessoas que amo. No entanto, enquanto isso não é possível, me

esforço por aprofundar outras formas de presença. Tenho um amigo que escreveu: "O ser humano está cotidianamente à procura da presença. É uma questão existencial que envolve todo o ser da pessoa".⁵

Concluo esta quase confissão como confirmação da minha fé na amizade enquanto caminho espiritual. Se tenho essa base garantida (as pessoas não estão perto, como disse Leonardo da Vinci, estão dentro), torna-se verdade o poema de Carlos Drummond de Andrade:

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje, não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.6

Querido irmão, aqui me despeço, esperando ansiosamente ler o que você me diz sobre isso. Abraço solidário do solitário que não se isola.

Irmão Marcelo